

### 35a. ANPOCS

GT19 - Memória social, museus e patrimônios: novas construções de sentidos e experiências de transdisciplinaridade

Coordenadores:

*Regina Maria do Rego Monteiro de Abreu (UNIRIO)*

*Myrian Sepulveda dos Santos (UERJ)*

## Museologia e etnografia – estudos americanistas no Brasil no início do século XX.<sup>1</sup>

Julie A. Cavignac – PPGAS - UFRN

### Resumo

Os trabalhos precursores da antropologia francesa, verificamos que as técnicas e a cultura material ocupam um lugar de destaque: o "Musée de l'homme" inaugurado em 1937, não é mais um museu colonial, é um museu moderno que apresenta testemunhos da diversidade das sociedades humanas e que foi pensado como a vitrine da humanidade. Unindo a pesquisa ao ensino, é neste período que a etnografia profissional inicia na França: as duas missões "Lévi-Strauss" em 1935 e 1938 integram este projeto de colecionar objetos para o Museu de l'Homme e, ao mesmo tempo, marcam o início de uma nova fase do Americanismo voltado não mais para a cultura material mas para o estudo das estruturas sociais. Iremos aqui avaliar a importância dessa mudança de foco para as pesquisas americanistas na Amazônia e consolidação de uma rede de pesquisa internacional durante a Segunda Guerra Mundial, com destaque para a participação de franceses (Métreaux e Lévi-Strauss) no *Handbook of South American Indians* (USA).

---

C'est ainsi que boitant de la jambe gauche et les oreilles blessées de lancinants reproches à chaque faux pas, j'essayais de ne pas perdre de vue le dos d'Abaitara, dans la pénombre verte où notre guide progressait d'un pas rapide et court (...)

Claude Lévi-Strauss, *Tristes Tropiques*, p. 410.

A aventura do jovem Lévi-Strauss é relatada no seu livro mais famoso, *Tristes trópicos*, como abrindo um novo campo nos estudos americanistas. No entanto, a antropologia

---

<sup>1</sup> O estudo foi realizado durante o estágio pós-doutoral financiado pela CAPES entre 2009-2010 no Laboratoire d'anthropologie et d'histoire de l'institution de la culture (LAHIC), sob a direção de Daniel Fabre entre julho 2009 e junho 2010.

francesa do início do século XX, organizada em torno da criação do *Musée de l'Homme*, era pensada como uma obra coletiva a ser executada sob as diretrizes dos professores: Marcel Mauss, Paul Rivet et Lucien Lévy-Bruhl. O projeto ambicioso era guiado por uma ideologia ligada a um socialismo humanista preocupado em educar as massas, promover o progresso, incentivar a amizade entre as nações e eliminar o racismo. No entanto, todos eram convencidos da importância da pesquisa empírica e uma grande parte desses estudos tinha como objeto as técnicas e a cultura material, testemunhos da diversidade das sociedades humanas: o museu moderno que ia ser inaugurado em 1937 foi pensado como sendo a vitrine da humanidade e não mais um museu colonial.

Já no início do século XX, havia uma rede americanista cujos membros, ligados a instituições francesas de ensino e pesquisa, eram interessados em ampliar o conhecimento sobre a origem do “homem americano” e o Brasil era ainda pouco visitado pelos etnógrafos (Bonte e Izard 1991: 289-295; 309-310; Vignaud 1919: 2). A participação de jovens *agrégés* franceses nos primórdios da Universidade de São Paulo é conhecida, porém pouco se sabe sobre a existência concomitante de um programa de investigação institucional relativo ao continente americano. Iremos mostrar como o americanismo, na sua versão francesa, iniciou uma rede internacional de pesquisa, projeto até então inédito na área da antropologia que se concretizou com a vinda do jovem professor de filosofia nos trópicos. O pesquisador era apoiado por uma equipe que apostou nele para abrir uma frente, a etnografia das sociedades da floresta. Além dos resultados alcançados pelo ‘teórico das estruturas’ e apesar dos seus detratores que reclamam da sua breve estada em campo, a presença de C. Lévi-Strauss no Brasil e seu exílio na América do Norte possibilitaram a experimentação de uma fecunda interlocução transnacional; empreendimento na qual, inicialmente, a França iria desenvolver um papel de maior envergadura.

Nesse sentido, iremos, inicialmente, traçar um panorama do contexto acadêmico francês no momento em que Claude Lévi-Strauss embarcou para o Brasil, para podermos iniciar uma reflexão sobre os métodos e a coleta dos artefatos destinados a integrar as coleções dos museus franceses. Na mesma ocasião, iremos direcionar nosso olhar nas opções teóricas realizadas por esses precursores e nas mudanças para questionar a versão que os diferentes autores deixaram como legado.

### ***A importância da cultura material***

A “exceção francesa” deve ser entendida no contexto de guerra de influência entre a antropologia física e a Escola francesa de sociologia (Laurière 2000; Dias 1991). Para

caracterizar o ‘estilo francês’ de fazer antropologia, temos que lembrar a situação crítica em que se encontravam as pesquisas empíricas naquele país e a importância dos museus na formação dos pesquisadores (De L’Estoile 2007; Mauss 1969). Para isso, é preciso deixar de lado as críticas feitas tradicionalmente à antropologia realizada em contexto colonial, para tentar entender o projeto científico e político subjacente.

Os primeiros etnógrafos que faziam parte da geração sacrificada pela Primeira e Segunda guerras mundiais, recebiam influências diretas da Escola francesa de sociologia, como por exemplo, Robert Hertz. De um modo ou outro, ao longo de suas carreiras, esses pesquisadores irão dialogar com as idéias e os temas avançados por Durkheim e Mauss, mesmo tendo posicionamentos críticos, como é o caso do próprio C. Lévi-Strauss. Essa centralidade de pensamento e a persistência nos temas tratados por seus seguidores correspondia a escolhas teóricas precisas: os sistemas de pensamento, a religião, a organização social eram tratados sob o prisma do evolucionismo metodológico, e o estudo dos fatos concretos ganhava um lugar de destaque. Em nenhum momento, a ‘linha francesa’ rapidamente classificada como ‘intelectualista’ aparece distanciada das preocupações empíricas e dos estudos que eram realizados nos outros centros de pesquisa (Oliveira 1988: 27-48). Desde o início do século XX, existiam múltiplas trocas científicas entre estudiosos europeus e americanos; basta examinar as resenhas publicadas nas principais revistas da época como as de *l’Année Sociologique*, de autoria de Durkheim e Mauss, ou ainda as listas de publicações recebidas nas revistas da época (Karady 1988; Marcel 2004; Sigaud 2007). Assim, a direção apontada por Durkheim, Lévy-Bruhl e Mauss no início do século XX continuou a estimular os estudos de antropologia social até os anos 1950, quando da reorganização da vida acadêmica na França.

Mesmo Durkheim, no final da sua vida, abre-se à etnografia, o que aparece visível com a publicação das *Formas elementares da vida religiosa* em 1912 (Copans 1999: 219; Peixoto 2000: 22-43; Poirier 1968: 128; Jamin in Bonte e Izard 1991: 289-295; Karady 1968: XXXVI-XXXVII, 1988).<sup>2</sup> Seus discípulos concordam com sua definição da sociedade como uma realidade de ordem simbólica, investigam as temáticas clássicas da Escola francesa: religião, cosmologia, totemismo, relações entre mitos, ritos e símbolos, sistemas de representação do mundo e da pessoa, etc. Esse programa teórico irá marcar a disciplina, pois pode ser encontrada uma homogeneidade quanto aos temas, às preocupações teórico-

---

<sup>2</sup> O mesmo não pode ser afirmado hoje, pois a Antropologia francesa é caracterizada por uma « ausência de identidade doutrinal *stricto-sensu*, diferentemente de outras escolas nacionais », chegando a ter « uma dificuldade em se definir teoricamente » (Jamin in: Bonte e Izard 1991: 289-295).

conceituais. Ao inaugurar o ensino da antropologia na França, Marcel Mauss procura introduzir um ensino deliberadamente “orientado para uma introdução à observação etnográfica” (Marcel 2004: 8).<sup>3</sup> No entanto, é somente na década de 1930 que, na França, as pesquisas etnográficas tornar-se-iam obrigatórias (Karady 1968: XXVI; Lévi-Strauss 1973: 62). Os escritos daquele que irá formar toda uma geração de etnógrafos, revelam ainda um pioneirismo em relação à descrição empírica, pois o professor preconiza o estudo sistemático das sociedades concretas. Para isso, distingue a morfologia social, a fisiologia e os fenômenos gerais (Mauss 1967: 11); tentativa que é ilustrada no seu magistral ‘Ensaio sobre as variações sazonais das sociedades esquimós’ (1904-05) ou, mais tarde, ao ousar uma teoria sobre a troca a partir das práticas rituais que envolvem os objetos no famoso ‘Ensaio sobre a dádiva’ (1923-24). Alias, durante a conferência feita à *Société de Psychologie* em 1934 intitulada ‘As técnicas corporais’ (1936), conta de maneira descontraída como, desde 1898, ele observa as diferentes técnicas de nado, propondo, logo depois um programa de investigação que irá abrir um novo campo para a antropologia contemporânea (Mauss 1983: 365-366). Esses exemplos são suficientes para mostrar que, ao longo da sua obra pouco sistematizada e, sobretudo, durante seus ensinamentos, há uma busca do detalhe etnográfico com um particular interesse para as técnicas e a tecnologia: os objetos, são a prova concreta e materializada do fato social, dos saberes e das práticas coletivas interiorizadas pelos indivíduos (Mauss 2002). Afinal, mesmo sem jamais ter ido à campo, Marcel Mauss destaca a importância da pesquisa empírica e o uso de uma metodologia rigorosa na coleta da cultura material; suas aulas ministradas no *Institut* desde 1926, transcritas no *Manual de etnografia* publicado em 1947, são a prova tangível do pioneirismo do mestre na França. O livro serviria de referência durante longos anos nas universidades francesas e era destinado guiar os administradores e funcionários das colônias francesas nas suas relações com os nativos (Mauss 1969 e 2002; Fournier 1994). Os cursos eram oferecidos também para esse público, pois o *Institut d’ethnologie* recebia o apoio do Ministério das colônias e precisava mostrar que o financiamento era bem empregado: essas atividades justificavam a importância reservada à etnografia para um mundo acadêmico pouco sensível à disciplina. Isso explica em parte por que, de certo modo, Marcel Mauss defendia uma etnografia feita por agentes coloniais (Mauss 1969; Laurière 2006: 480-495). No entanto, podemos nos perguntar se esse posicionamento não era justificado pela falta de apoio governamental às ciências humanas e servia antes de tudo para tentar atrair um financiamento necessário às atividades acadêmicas e à produção científica.

---

<sup>3</sup> Em 1901, ele ocupa a cátedra das “Religiões dos povos não civilizados” na *École pratique des hautes études – section des sciences religieuses*.

Assim, é sintomático que Mauss critique abertamente a ausência de financiamento público para realizar pesquisas empíricas, pois enquanto as colônias inglesas eram frequentemente visitadas por *anthropologists*, do lado francês praticamente tudo restava por fazer (Mauss 1969).<sup>4</sup> Sensíveis à pesquisa de campo, os administradores do *Institut d'ethnologie* foram responsáveis pela formação intelectual e pelo destino dos primeiros etnógrafos que iniciaram suas expedições nos anos 1930: entre os discípulos, encontramos poucos americanistas e, entre esses, uma minoria escolherá o Brasil como campo de investigação.<sup>5</sup>

### ***Os Museus***

Os museus e os institutos de pesquisa franceses onde os primeiros etnógrafos profissionais se formaram tiveram um papel determinante na emergência de uma antropologia com proposta comparativa. Colocava em primeiro lugar os objetos e a coleta de dados etnográficos para entender a conformação das culturas: as técnicas e a vida material dos povos estudados eram privilegiados pois permitia medir “objetivamente” o estagio da escala evolutiva das populações.

Mais tarde, a etnografia foi associada à arqueologia, à coleta dos artefatos e das línguas tendo como finalidade possibilitar a delimitação das áreas culturais e a dispersão geográfica dos elementos materiais e dos traços culturais. O museu era organizado em função de um projeto colonial, concebido a partir de pressupostos naturalistas, associado à pesquisa acadêmica, era pensado como a vitrina das colônias, apresentando de um modo educativo, a vida das populações a serem levadas para o progresso e a serem assimiladas a um conjunto nacional, a França e suas colônias (L'Estoile 2007). No entanto, o projeto do Musée de l'Homme acrescenta uma dimensão política importante; a de universalizar um conhecimento científico.

No Hexágono, as poucas pesquisas que recebiam financiamento público eram ligadas à constituição de coleções para os museus etnográficos que começaram a se desenvolver nas vésperas da Segunda guerra mundial; entende-se facilmente, nesse contexto, porque as antigas

---

4 Num artigo escrito por Claude Lévi-Strauss para o centenário do nascimento de E. Durkheim, o autor refuta a afirmação de Radcliffe-Brown que identifica a ausência da pesquisa etnográfica na França onde, segundo este autor, eram priorizados «estudos teóricos em sociologia comparada» (Lévi-Strauss 1973: 61-62). Essa idéia surge, ao que tudo parece, a partir da leitura dos escritos do «jovem Durkheim» que pregava um todo sociológico.

5 Iremos nos deter sobre a figura de Alfred Métraux que realizou estudos pioneiros sobre a civilização material dos índios tupi-guarani e a religião dos tupinambá (1928) antes de se tornar um etnógrafo.

colônias francesas eram privilegiadas.<sup>6</sup> Assim, o reconhecimento acadêmico de uma etnografia profissional e institucionalizada tem início quando Griaule (1898-1956), especialista dos Dogons, ocupa a primeira cátedra de etnologia geral que será fundada na Sorbonne, em 1943. No entanto, e de certa forma, paradoxalmente, as pesquisas que foram desenvolvidas nas sociedades colonizadas pelo Estado francês são hoje contestadas por ter sido realizadas num contexto de dominação política, apesar do caráter profissional e institucionalizado das investigações. Em se tratando do continente americano, o pesquisador nem sempre podia contar com um apoio institucional no país: encontrava-se numa posição confortável, mas não dependia tanto das esferas do poder político; o que lhe assegurava uma certa liberdade de movimentos. Ainda que ligados a institutos de pesquisa públicos, vários estudiosos receberam financiamentos oriundos de fundos privados, associações ou ricos mecenas, como é o caso dos integrantes das *Sociétés savantes* que agrupavam curiosos e amadores de aventura. Essas mantiveram uma atividade constante e constituíram os primeiros núcleos de investigação na França; por isso que merecem ser lembradas, mesmo se foram objeto de violentas críticas por parte dos antropólogos modernos.<sup>7</sup>

É em parte por essa razão que, tradicionalmente, nos manuais de introdução à antropologia ou nos livros que tratam da história da disciplina, a ‘etnologia francesa’ é lembrada pela ausência de pesquisas empíricas (Oliveira 1988). Porém, ao se debruçar sobre os escritos, o ‘estilo francês’ aparece como sendo uma mistura de perspectiva comparatista e de ‘urgência etnográfica’, aliando preocupações de pesquisa empírica e problemas teóricos (Laurière 2006: 1). De fato, encontramos situações contrastivas nos países europeus, pois essas variam em função da política colonial e do apoio oficial visando o financiamento das expedições etnográficas (L’Estoile 2003; Jamin in: Bonte e Izard 1991: 289-295). Porém, na França, os pais fundadores da disciplina, estudiosos de gabinete, eram conscientes do valor do estudo *in situ* e fundamentavam suas análises a partir de múltiplos relatos e dados etnográficos que eram publicados nas revistas estrangeiras. A fama da antropologia francesa ser intelectualista parece ter se fundado, antes de tudo, no desconhecimento e no relativo desinteresse dos antropólogos franceses em relação à história da disciplina; história considerada por muitos como pouco relevante (Wikin 1986).

No entanto, a reconstituição do contexto histórico revela tensões acirradas entre

---

6 Para trabalhos sobre a antropologia francesa da época, ver Fabre 1997; Jamin in Bonte e Izard 1991: 289-295; Meyran 1999; Poirier 1968.

7 Um deles é o próprio Lévi-Strauss nas primeiras páginas de *Tristes trópicos* quando descreve as conferências ministradas no *Museum d’histoire naturelle* (2008).

grupos divergentes e deve ser acompanhada de uma leitura da vida política da época, pois os colegas e mais tarde os discípulos de Mauss destacaram-se como acadêmicos-militantes, sendo ligados ao SFIO, participando do movimento de resistência ao nazismo, pregando um internacionalismo idealista, apesar de reivindicar oficialmente uma neutralidade científica (Fabre 1997). É verdade que encontramos continuidades temáticas nesse conjunto de especialistas que, após o falecimento de Mauss em 1950, não chegaram a formar uma ‘Escola Francesa de Antropologia’. Na época, emerge uma tendência que poderíamos caracterizar de culturalista, pois percebemos que as investigações se orientam preferencialmente para o estudo das categorias de pensamento e das concepções religiosas. Finalmente, o posicionamento crítico e o engajamento aparecem úteis para definir a antropologia francesa, traços que continuam pertinentes hoje e que correspondem à «tomada de consciência, quase um remorso» evocada por C. Lévi-Strauss (1973: 43) (Lombard 1994: 145).

A constituição do campo da antropologia está, de fato, associada ao projeto de uma ciência objetiva e aplicada, pois pretendia servir aos interesses das nações mais potentes, inscrevendo-se num projeto colonialista – no caso da França, e mesmo se as autoridades governamentais apoiaram esporadicamente expedições etnográficas, a discussão concentra-se no continente africano. A América era prioritariamente o objeto de interesse dos lingüistas e arqueólogos, preocupados resolver o enigma da origem geográfica do “homem americano” e em reconstruir a história da humanidade (Bonte e Izard 1991: 289-295; 309-310). Com Rivet, a disciplina como um todo e os estudos americanistas em particular, conhecem um sucesso quase mediático.

Para entender o espírito que animava os americanistas franceses da época, é preciso voltar-se para a história das instituições, dos programas e dos agente da pesquisa no início do sec. XX.<sup>8</sup> A abertura do Musée de l’Homme em 1938, oferece uma representação da disciplina que, cada vez mais, se volta para a realidade concreta das culturas humanas; o museu é um laboratório de etnografia, pois a cultura é “visível” pelo estudo dos seus objetos, um lugar de ensino e de treinamento às técnicas de pesquisa de campo pois propõe um inventário das culturas. A expografia acompanha de perto o avanço do conhecimento das sociedades humanas e produz um discurso científico sobre as culturas exóticas. Assim, o modelo subjacente na época é aquele do coletor de “testemunhos culturais” que são os objetos: a pesquisa de campo é associada à das colheitas extensivas de objetos tendo como

---

<sup>8</sup> Para isto consultamos os arquivos do Museum d’Histoire Naturelle, notadamente os documentos administrativos sobre o funcionamento do Musée de l’Homme e o financiamento as missões de pesquisa e artigos no *Journal de la Société des Américanistes* sobre o Brasil entre 1942 e 1945.

modelo as expedições de Griaule, Dakar-Djibouti (L'Estoile 2007).

### ***Rivet e a Société des Américanistes***

Como alerta M. Mauss (1969), no início do século XX, a situação da antropologia na França é crítica, do ponto de vista do ensino, da pesquisa e das coleções museológicas. No entanto, apesar das lacunas no campo da etnografia que já foram apontadas e do que os autores afirmam em relação aos estudos americanistas no que diz respeito à produção francesa, verificamos que existe um corpo constituído de pesquisadores oriundos de áreas diversas reunidos em torno da *Société des Américanistes*. Esses mantêm contato através de reuniões e publicações regulares, no *Journal* que inicia sua publicação em 1896 (Taylor 2004:96-97).<sup>9</sup> Essa mesma *Société* que funciona na base do voluntariado e conta com as anuidades dos sócios para funcionar, tem sua sede numa instituição pública: o Museu do Trocadéro que depende do Museu Nacional de História Natural (MNHM), recebendo subvenções do Ministério das Colônias e abriga as coleções americanistas ... guardadas em expositores num corredor escuro do velho *Troca*.<sup>10</sup>

É com a atuação militante de Paul Rivet (1876-1958) que a *Société des Américanistes* (2002) se renova e se aproxima da academia, conservando o espírito de trabalho em equipe dos fundadores do *Institut*: antes voltadas para a arqueologia das 'grandes civilizações', a lingüística e a antropologia física, as pesquisas etnográficas se desenvolvem – o que é visível a partir dos anos 1920, com a contribuição de etnógrafos que relatam suas pesquisas (Laurière 2009: 10).<sup>11</sup> Jovens alunos começam a ser enviados em missões com verbas dos Ministérios e as coleções etnográficas são ampliadas e reorganizadas com o trabalho intensivo de P. Rivet e George Henri Rivière (Laurière 2006: 480-577; L'Estoile 2003). No entanto, poucas pesquisas etnográficas são realizadas no Brasil, pois o interesse se concentra no estudo das línguas e das civilizações pré-colombianas nas antigas colônias espanholas que atraem

---

<sup>9</sup> Podemos citar viajantes franceses, missionários ou lingüistas que trazem informações sobre grupos indígenas como Francis de Castelnau em 1850, Lucien Adam em 1896 ou Tastevin em 1910, cujos trabalhos seriam sistematicamente consultados por especialistas franceses ou estrangeiros, como Erland Nordenskiöld, a partir dos anos 1920 (Rivet 1924; Bossert e Villar 2007). Erland Nordenskiöld, especialista sueco, fundador da escola Escandinávia, é apontado como um dos principais precursores do americanismo (Izard e Bonte, 1991: 510).

<sup>10</sup> "(...) le Musée du Trocadéro fut alors un des plus importants et l'un des premiers en date. Mais ces efforts d'Hamy et la routine qu'on y suivit depuis, ne pouvaient assurer la prospérité de cet établissement national. Et voici le résultat : des collections sans doute nombreuses, mais un musée sans lumière, sans vitrines de fer, sans gardiens, sans catalogue et même sans inventaire continu, sans étiquettes fixes, sans bibliothèque digne de ce nom" (Mauss 1969: 27).

<sup>11</sup> Paul Rivet integra a *Société des Américanistes* desde 1909 e assume o cargo de Secretário geral em 1929 (Laurière 2006: 605).



lingüistas, arqueólogos e historiadores; as populações indígenas das sociedades da floresta não são objeto de interesse dos primeiros acadêmicos, pois, segundo os critérios até então consensuais, não possuem uma cultura material digna de estudo. O caráter amador e superficial das pesquisas realizadas no seio da *Société des Américanistes* até a Segunda guerra mundial é ressaltado de forma cruel por Eduardo Viveiros de Castro (1992:19):

O venerável *Journal de la Société des Américanistes* nunca ultrapassou as fronteiras da subespecialidade esotérica, onde arqueologia, linguística, antropologia e amadorismo esclarecido conviviam pacífica e obscuramente. Nenhuma monografia clássica, nenhum ensaio teórico relevante se refere privilegiadamente aos índios das terras baixas sul-americanas, vítimas de indigência antropológica.

As lacunas apontadas aparecem claramente nas preocupações dos mentores da antropologia americanista da época. No esforço de institucionalização da disciplina, foram organizadas missões científicas visando o salvamento dos registros culturais de povos cujo destino é o rápido e inexorável desaparecimento: inicialmente com os recursos privados de mecenas e, cada vez mais, a participação do Estado francês. As mesmas preocupações guiam os lingüistas, os arqueólogos e os raros aventureiros que se arriscam a entrar em contato com as populações indígenas ainda não totalmente ‘pacificadas’. Essa perspectiva, que incentiva a constituição de coleções etnográficas, corresponde com a antropologia que aparecia como sendo a mais elaborada, na época – a antropologia cultural americana. Notadamente, F. Boas se distancia dos estudos de antropologia física, fixando seu interesse nas técnicas e os objetos, ao iniciar uma série de etnografias sistemáticas das populações autóctones do norte do continente americano a partir da compreensão dos hábitos culturais inseridos num território específico (Faulhaber 2008: 20).<sup>12</sup> São organizadas missões científicas visando o salvamento de registros culturais de povos cujo destino é o desaparecimento. Corresponde às preocupações teóricas dos grandes especialistas da época, em particular F. Boas, que pregava a realização de estudos lingüísticos e arqueológicos que, ao se distanciar dos estudos de antropologia física. Preservação e conservação: corresponde aos esforços para elaborar os museus (Faulhaber 2008: 20).

São os mesmos personagens que são responsáveis pelo crescimento das relações acadêmicas duráveis entre o Brasil e a América Latina: Georges Dumas e Paul Rivet compartilhavam as mesmas idéias avant-gardistas militavam para o desenvolvimento das

---

<sup>12</sup> Ver em particular os estudos já clássicos de Stocking Jr. (2001).

relações científicas.<sup>13</sup> Na França, Paul Rivet aparece como sendo um dos pilares do Americanismo e um dos principais atores da organização dos estudos sobre o Brasil: membro ativo e diretor da *Société des Américanistes* até seu exílio para a Colômbia em 1941, ele foi o responsável da manutenção do *Institut d'Ethnologie* (1925), executando as tarefas administrativas para a necessária revitalização das coleções museológicas e compartilhando as cargas de ensino com M. Mauss e L. Lévy-Bruhl.

Especialista em antropologia física, médico de formação e apaixonado lingüista, P. Rivet, é nomeado diretor em 1928 do Museu de etnografia do Trocadéro e, em 1937, irá fundar o *Musée de l'Homme* com Georges-Henri Rivière e Jacques Soustelle, tendo como objetivo a formação de um laboratório interdisciplinar, lugar onde os especialistas da pré-história, da arqueologia, da antropologia física, da tecnologia, da lingüística ou da análise cultural podiam trabalhar em conjunto. Socialista convencido, é nomeado presidente do Comitê de vigilância dos intelectuais antifascistas, compõe o grupo de resistência conhecido como *réseau du Musée de l'Homme*. Próximo do Général de Gaulle, foi exilado durante a Segunda guerra mundial na Colômbia e no México onde será designado como adido cultural para toda América Latina do Comitê Francês de Libertação Nacional (CFLN), notadamente no México e na Colômbia onde ele impulsionará novas pesquisas, auxiliando na implementação dos institutos e museus de etnologia (Laurière 2006: 769-834). No seu retorno para França em 1944, retoma a carreira política e a luta contra o racismo que ocupa o velho socialista idealista. Este grande animador da pesquisa acadêmica na França liberta organiza o 47º Congresso dos Americanistas e multiplica suas intervenções em nível internacional, sendo um ardente defensor do internacionalismo científico e político.

O período que precede a abertura do Musée de l'Homme é rica em trocas institucionais e diálogos entre promotores de uma disciplina renovada: a longa amizade entre Paul Rivet, diretor do musée e presidente da *Société des Américanistes* e Franz Boas, precursor da pesquisa empírica revela o esforço para a promoção de um internacionalismo científico e da emergência da importância da etnografia para a disciplina. Para concretizar este projeto utópico, foram contratados jovens colaboradores encarregados de coletar objetos para as coleções etnográficas e suprir a ausência de conhecimento sobre as “culturas indígenas da América” e, em particular, as sociedades indígenas “da floresta”. Notamos um salto qualitativo na produção americanista em nível internacional que corresponde à ida de Claude Lévi-Strauss nos Estados-Unidos mas que, na verdade, é o reflexo de uma intensa

---

13 Boa parte dos intelectuais da *École française de sociologie* era engajada na vida política, pois muitos eram ligados ao antigo partido socialista (SFIO) e cultuava a figura de Jean Jaurès.

colaboração acadêmica “em rede”.

A *Société des Américanistes* aparece como determinante na criação e manutenção desta rede acadêmica que não pará de crescer. Em 1936, o Marquis de Créqui-Montfort é o Presidente da *Société des Américanistes* e, provavelmente, um dos principais provedores. L. Lévy-Bruhl, Charles Peabody, Warrington Dawson são vice-presidentes e o Secretário geral é P. Rivet. As áreas de interesse envolvem todo o continente americano: a América do Norte, a Central, a do Sul, as Antilhas, o Groenland. A revista agrupa várias áreas de interesse: a Antropologia, a Arqueologia, a Etnografia, a Sociologia e o Folclore mas também a História, a Geografia, a Demografia, e as viagens. Mesmo se a *Société* ainda conserva o seu caráter amador, com a participação das elites “esclarecidas” que financiam as suas atividades, com a direção de Rivet, ela se moderniza e se especializa. Graças à atuação política do diretor do Museu do Trocadéro, os financiamentos governamentais tomam o lugar dos mecenas: é o que possibilita o financiamento das duas missões francesas em 1936 e 1938. O Serviço das obras francesas no estrangeiro, setor do Ministério das relações exteriores, a Universidade de Paris e Museu de etnografia viabilizam as viagens que são dispendiosas. O interesse francês se concentra na reunião de coleções etnográficas.

O projeto acadêmico que nasceu com o apoio do governo do *Front populaire* era associado a uma rede de pesquisadores ligados ao socialismo, compartilhando um ideal de ‘educação popular’ e atuando em diferentes frentes ao mesmo tempo (Jamin 1988: xvi; Laurière 2006: 568; L'Estoile 2003). A perspectiva adotada pelos mentores da renovação do Americanismo deve ser recontextualizada na época em que o acesso das massas à cultura era tida como o principal motor de uma revolução sonhada:

Dans la France de 1937, la découverte d’une tradition populaire et sa transformation en tradition nationale s’accompagnent nécessairement de l’affirmation d’un antinationalisme officiel. Le Front populaire a sans doute perçu le Congrès (international de folklore) comme le lieu d’affrontements susceptibles de nourrir une guerre idéologique internationale. Les scientifiques français qui interviennent au Congrès, dans le but avoué de mieux asseoir la politique culturelle du Front populaire, ne peuvent manquer d’être redevables aux travaux de Lénine sur la libération des peuples coloniaux opprimés: le modèle des luttes coloniales qui constituaient un potentiel pour la révolution mondiale servira donc lorsqu’il s’agira d’appréhender les créations folkloriques, comme autant de terrains nourriciers de rébellions populaires (Velay-Vallantin 1999: 482).

O projeto de criação de uma rede internacional visando a promoção da ciência e do conhecimento (!) deve ser entendido nesse conjunto mais amplo e irá, de certo modo, se concretizar com a fundação da Universidade de São Paulo em 1934: a “Missão Francesa” de professores era composta por Fernand Braudel, Paul Arbousse-Bastide, Lévi-Strauss, Pierre Monbeig, Roger Bastide e de outros nomes igualmente importantes que se sucederiam pelas

décadas seguintes, com o objetivo de formar as primeiras gerações locais no quadro das ciências sociais brasileiras (Karady 1968; Peixoto 2000; Pontes 2001). A ‘importação’ de jovens *agregés* franceses para o Brasil na década de 1930 irá mudar a paisagem do ensino superior no Brasil, pois se inscreve na tentativa do estabelecimento de acordos bilaterais franco-brasileiros mais amplos e do estreitamento da cooperação científica entre os dois países, sobretudo no campo das ciências humanas. Mostra também que existia, na época, uma rede de pesquisadores de diversas áreas interessados nos estudos americanos que mantinha um intenso e profícuo diálogo, tendo Paris como centro. É nesse contexto que o jovem Claude parte para o Brasil, com o objetivo de se formar à etnografia, tendo ambiciosas pretensões acadêmicas.

### ***Lévi-Strauss ‘et les autres’***

Il serait intéressant qu’une étude ethnographique sérieuse des Canoeiros fût faite le plus vite possible (...) une enquête sur eux fournirait sans doute les éléments d’un beau livre comme celui que E. Nordenskiöld a écrit sur la civilisation des Ciriguano (Rivet 1924: 175).

Percebemos que existiu um profícuo diálogo entre pesquisadores franceses e brasileiros ao logo no início do século XX, notadamente entre os especialistas como, por exemplo, os membros da sociedade dos Americanistas. Podemos citar, entre outros, os nomes do Padre Constant de Tastevin, do alemã Curt Nimuenadju ou, de modo mais esporádico, de Luis da Câmara Cascudo que irá se tornar membro correspondente do *journal* em 1934 (Izard e Bonte, 1991: 508). Também, é importante avaliar as relações estreitas entre Mário de Andrade e o casal Lévi-Strauss que, pelo menos ao que parece, no início da estada paulista, tinha como projeto de se instalar no Brasil.

Assim, o casal de jovens professores participa com entusiasmo da aventura modernista e propõe tomar como modelo o do *Musée de l’Homme* para a organização da pesquisa e do ensino: uma “sociedade” é fundada (*Sociedade de etnografia e folclore*) onde se encontram associados o folclore e a etnografia. Conta com uma equipe localizada no Departamento de cultura do município de São Paulo onde os objetos coletada durante as missões são depositados e classificados. A Sociedade mantém uma agenda de reuniões regulares (duas por mês), promove cursos e palestras, propõe um treinamento para a metodologia da pesquisa, edita uma revista (*Revista do Arquivo municipal*) e um boletim que possibilite a circulação das informações entre os membros da Sociedade, onde são publicados os resultados das atividades e as instruções para pesquisa. A Sociedade conta ainda com uma ampla rede de

especialistas espalhados no estado de São Paulo (50 mas espera-se atingir rapidamente as 250 pessoas) e tem como objetivo a promoção e a viabilização (inclusive financeira) das pesquisas coletivas. As palestras portam tanto sobre aspectos teóricos (“O que é o folclore?”, Dina Lévi-Strauss), sobre as culturas indígenas (“A civilização material dos índios kadiveo” ou “Bonecas karaja”, Claude Lévi-Strauss), ou sobre manifestações folclóricas (festas, “samba rural paulista” – M. de Andrade, “macumbeiros de São Paulo”) ou ainda sobre Antropologia física (mancha mongólica):

La Société d’ethnographie et de folklore est le premier organisme de ce genre existant qu Brésil. Elle est un centre de recherches collectives, et repose sur la base de coopération intellectuelle, théorique et pratique, d’un grand nombre de chercheurs. Elle s’inspire par là des tendances actuelles des institutions similaires du monde entier et plus particulièrement des institutions ethnographiques et folkloriques françaises (...) dont elle suit attentivement les travaux et les résultats” (Lévi-Strauss D. 1937: 429)

Mário de Andrade contou assim com a ajuda dos jovens franceses para qualificação de uma equipe de pesquisadores que, após treinamento, iria complementar a coleta de dados etnográficos iniciada pelo mestre o Norte e no Nordeste, utilizando as tecnologias de ponta da época (registros sonoros, fotografia, filmagens); o que foi feito entre 1937-1938 com a “Missão folclórica” em diferentes estados nordestinos. Em contrapartida, Lévi-Strauss solicitou o apoio de Mário de Andrade para obter as autorizações oficiais visando a viabilização da segunda missão de 1938.<sup>14</sup>

No entanto, vários outros integrantes dessa aventura acadêmica ficarão no segundo plano, como é o caso de Rivet ou de Alfred Métraux. No entanto, após análise, aparecem como sendo os principais responsáveis para a viabilização dos primeiros levantamentos etnográficos na América do sul. Entre 1928 e 1934, Métraux funda o Instituto de etnologia de Tucuman na Argentina que comporta um museu de etnografia e logo depois do seu retorno em Paris, volta a viajar para participar de uma aventureira expedição na ilha de Páscoa organizada por P. Rivet (1934-35) com o apoio financeiro de um mecena (Laurière 2006: 578-666). Professor em Honolulu e exilado nos Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial, torna-se cidadão americano (1941), intensifica os laços entre o Novo e o Velho Continente. Sua delicada missão na ilha de Pascoa precede de pouco a aventura de C. Lévi-Strauss nos trópicos e, na verdade, já era um pesquisador confirmado e sempre expressou o desejo de realizar mais missões de pesquisa: especialista em arqueologia, história das religiões (ritual, xamanismo) e dos mitos dos índios da América do Sul, Alfred Métraux

---

<sup>14</sup> Ver a brilhante dissertação de Luiza Valentini sobre o assunto « Um laboratório de antropologia: o encontro entre Mário de Andrade, Dina Dreyfus e Claude Lévi-Strauss (1935-1938) », Universidade de São Paulo, USP, 2010.

participa de missões na Polinésia, na Ilha de Páscoa, no Brasil, no Peru, na Bolívia e no Haiti (cultos afro-americanos, camponeses). Ao retornar na França em 1959, um pouco antes da sua morte, é nomeado professor na cátedra de etnologia dos índios da América do Sul na VI secção da *École des Hautes Études em Sciences Sociales*. *Chartiste* com vocação de pesquisador de campo, Métraux diversifica seus estudos ao longo da sua extensão carreira:

D'abord, Alfred Métraux fut l'homme qui a toujours voulu prendre l'ethnographie au sérieux, qui a inlassablement protégé notre science, et les indigènes eux mêmes, contre les fantaisies parfois dangereuses des esthètes et des théoriciens. Ensuite, il a voulu et il a su assigner à l'ethnologie ses véritables dimensions, voir en elle une science humaine dans toute l'acception du terme, c'est-à-dire s'appuyant sur des disciplines aussi traditionnelles que la paléographie, l'archéologie, la philologie et l'histoire, et qui doit tout de même – et c'est là son originalité – se revigorer constamment dans l'expérience du terrain (Lévi Strauss 1964b: 7).

Seguindo os conselhos de P. Rivet, Métraux viaja para Argentina em 1922 para realizar sua primeira pesquisa de campo. Sua obra se inicia em 1928, com o livro, “La religion des Tupinambá et ses rapports avec celle des autres tribus Tupi-Guarani”; torna-se fonte de pesquisa para estudos ulteriores até hoje. Foi um dos precursores *Handbook* elaborado entre 1946 e 1950. Na sua carreira nos Estados Unidos, engaja-se na luta contra o racismo, deixando de lado os estudos ameríndios. Ele continua sendo citado como um dos principais interlocutores no tocante às relações científicas da época, mantendo ilustres amizades e relações epistolares regulares com os especialistas franceses e estrangeiros (Bastide 1963; Bonte et Izard 1992: 476-477). É ainda ele que idealiza o projeto de pesquisa da UNESCO sobre o preconceito racial no Brasil, dentro da Missão da Columbia University, no início dos anos 1950. Além de Thales de Azevedo, participaram do projeto Charles Wagley, Marvin Harris, W. H. Hutchinson e Ben Zimmerman. Mais tarde realizaram pesquisas no interior da Bahia, orientados por Métraux que veio para o Brasil na ocasião (Candido 1996). Alguns dos trabalhos tiveram a participação de Verger como fotógrafo da missão, em 1951.<sup>15</sup>

Além disso, Métraux tem uma extensa obra que parece ficar restrita aos especialistas interessados nos assuntos por ele abordados (e são muitos!): escreve 250 livros sobre assuntos diversos de arqueologia, história e etnografia e participa ao *Hand-Book* entre 1946 e 1950, momento da internacionalização da pesquisa sobre as sociedades indígenas no Brasil (Izard e Bonte, 1991: 476-477). Sem falar da importante produção considerada menor, publicada por Métraux ao longo da sua carreira acadêmica, sobretudo no *Journal des Américanistes*:

---

<sup>15</sup> Esses detalhes estão presentes no jornal do Métraux ( Também é interessante consultar o livro « Le pied à l'étrier: correspondance, 12 mars 1946-5 avril 1963 » d'Alfred Métraux e Pierre Verger, 1994.

notícias científicas diversas, resenhas de livros, relatórios de pesquisa e de reuniões científicas, cartas administrativas e privadas, etc. Finalmente, apesar das tensões iniciais entre os “alemães” (Balduz e Nimuenadju) e a equipe francesa (Lévi-Strauss), existe uma frutuosa colaboração entre os diferentes interlocutores: rapidamente Nimuenadju é chamado por Lowie para trabalhar – inicialmente era remunerado – e este faz traduções dos artigos do alemão para o inglês. Encontramos ainda escritos de Tastevin que eram publicados regularmente em revistas francesas e foram traduzidos nos Estados Unidos nos anos 1940, em particular no *Handbook* (Faulhaber 2008: 16).

### *Claude nos trópicos*

Notamos um salto qualitativo na produção americanista em nível internacional que corresponde à ida de Claude Lévi-Strauss nos Estados- Unidos mas que, na verdade, é o reflexo de uma intensa colaboração “em rede”.

Paralelamente, várias missões de estudo receberam um auxílio financeiro graças aos contatos feitos pelos membros da equipe do Trocadero que não media seus esforços para buscar financiamento, como é o caso de Tastevin ou Vellard.<sup>16</sup> As duas missões receberam financiamento do governo francês e contaram com colaboradores brasileiros: em 1936, Mário de Andrade e em 1938, Luis de Castro Faria, jovem estudante do Museu Nacional que Lévi-Strauss via como um espião e um elemento inútil e dispendioso – pois a missão, que já encontrava-se numa situação financeira delicada devia arcar com as suas despesas.

Em vários momentos, entre 1936 e 1937, Lévi-Strauss solicita o apoio de Mário de Andrade:

(...) L'opposition du Service de protection est bien inquiétante. Mais sitôt informé, j'ai agi: l'Institut d'Ethnologie de l'Université de Paris est intervenue auprès de Mr Vasconcellos, par un “officio”, et auprès de l'Ambassadeur du Brésil à Paris, qui a envoyé à Rio un rapport très favorable à l'expédition. Voyez (ons?) ce que cela donnera! Monbeig me laissait attendre des nouvelles de vous pour cette semaine. Mais rien n'est venu: pas de nouvelles, bonnes nouvelles, et nous embarquons donc demain remplis de confiance et d'espoir. J'espere qu'il

---

<sup>16</sup> Tastevin é o primeiro a receber um incentivo do governo francês contínuo para realizar suas pesquisas lingüísticas entre 1919 e 1926 (Petit Jean 2001: 74-75; Faulhaber 2008). Vellard inicia sua carreira como médico no instituto Butantã em 1925 e conhece bem a realidade das sociedades indígenas do Brasil, do Peru, da Bolívia e do Paraguai, por isso que foi escolhido para acompanhar Lévi-Strauss na sua segunda expedição; recebeu apoios insitucionais por parte da França em várias ocasiões sem verdadeiramente ser ligado a uma instituição. No entanto, é Métraux que irá inaugurar a pesquisa de campo acadêmica francesa contratual nas Américas na ilha de Páscoa, em 1932. É ele que conhece o primeiro C. Nimuenadju em 1927, que coloca em contato L-Strauss e Lowie (1936). Em 1941, é um dos idealizadores da Ecole Libre des Hautes Etudes, e um dos editores com J. Steward do HANDBOOK OF SOUTH AMERICAN INDIANS e figura entre os especialistas das populações indígenas do Brasil: Lévi-Strauss, Lowie, Nimuenadju, Wagley; Galvão, etc. Finalmente, é ainda ele que dirija projetos internacionais: Hylea, ONU, Unesco (1947-1950).

sera possible de donner les premiers départs de São Paulo quinze jours après notre arrivée (qui se fera sans doute, le 6 avril à Santos); Ou est-ce trop ambitieux? Mon désir serait de profiter au maximum de la saison sèche.

Le matériel de l'expédition est déjà parti. Il nous précèdera à Rio, d'où je le dirigerai sur São Paulo.<sup>17</sup>

A mesma preocupação aparece em 1939 para repatriar os objetos, o casal solicita o apoio das autoridades francesas. Dessa vez, é Dina que está em Paris, solicita o apoio em várias ocasiões J. Soustelle, respondendo na época pela direção do Museu:<sup>18</sup>

Je viens de recevoir une lettre de mon mari, me demandant de vous signaler une difficulté nouvelle dans laquelle se trouve la collection: Monsieur Gayraud, secrétaire d'Ambassade qu'Brésil, et faisant actuellement fonction d'ambassadeur, effrayé par l'importance (en volume) de la collection, refuse de prendre sur lui de l'expédier par la valise. Vous serait-il possible de faire une démarche urgente aux Affaires Étrangères en invoquant même, le cas échéant, les précédents constants? (...)

Do ponto de vista do resultado das coleções, a Missão Lévi-Strauss trouxe para São Paulo 5 filmes, 161 artefatos Bororo, 164 Kadiwéu, dois Terena e um Kaingang mas leva 639 objetos para França (Valentini 2010: 175). Já em 1938, foram 328 objetos deixados para USP e 795 mandados para o Museu do Homem. Ao todo, são 1.470 objetos que serão depositados e classificados no novo Museu. As primeiras fichas catalográficas foram elaboradas pelo casal Lévi-Strauss – pelos menos até 1939 momento em que o trabalho cessa brutalmente por causa da guerra – e as notas de campo foram milagrosamente salvas e levadas para os Estados Unidos no exílio de C. Lévi-Strauss. O primeiro artigo *Contribuição à organização social dos índios Bororo* publicado em 1936 no *Journal* e a primeira exposição de 1937 em Paris inaugura o espírito que anima o Museu em preparação mesmo se os pesquisadores acham a coleção pouco interessante num primeiro momento. Num relatório elaborado por Dina Lévi-Strauss para informar os membros da *Société* em 1938 sobre o avanço da missão e os temas da pesquisa (sistemas de parentesco, aspectos da vida familiar cotidiana e artística), a pesquisadora parece se queixar da qualidade dos artefatos em relação aos Bororos e da dificuldade de realizar a pesquisa:

Cultura material, pobre. Destacam-se as moradias-*paravents*, as técnicas diversas (fição, tecelagem, cerâmica, cestaria, etc.), os procedimentos de cultura, etc. (...) Après des recherches longues et difficiles, séjour prolongé dans un village tupi, situé à mi-chemin entre Présidente Hermès et Presidente Penna. Ce groupe, numériquement très pauvre et culturellement dégénéré a été cependant l'objet d'une enquête sociologique particulièrement fructueuse.

A la fin du mois de novembre, la mission, ayant rejoint Presidente Penna, se trouve dans l'impossibilité de reprendre pour le retour la voie normale; par le Sud, en raison des pluies torrentielles, de l'état sanitaire des membres de la mission, etc. Elle décide donc la sortie par le Nord, vers le rio Madeira, puis par l'ouest et la Bolivie (Lévi-Strauss D. 1938 : 386-387).

---

<sup>17</sup> Carta de Lévi-Strauss a Mario de Andrade, 15/ ??/ 1937?. BNF FONDS Lévi-Strauss, NAF 28150.

<sup>18</sup> Carta de Dina Lévi-Strauss a Jacques Soustelle solicitando ajuda para o transporte da coleção para França (Paris, março 1939). BNF FONDS Lévi-Strauss, NAF 28150.



Contrasta com o que o etnógrafo relatava em 1936 a Marcel Mauss<sup>19</sup>, momento em que L. Strauss era preocupado em responder às perguntas do Mestre:

Or, bien que les Kaduvéo soient en pleine décomposition (d'ici dix ans, ils auront intégralement disparu), nous avons pu recueillir près de quatre cent dessins exécutés directement par les femmes indigènes, et qui témoignent d'un raffinement et d'une invention décorative absolument prodigieux. Je crois que cette documentation permettra de confirmer l'hypothèse de l'autre de la note à laquelle je me réfèrais tout à l'heure. Ce qui serait d'autant plus intéressant que les légendes natives que nous avons pu recueillir contiennent des éléments probablement originaires d'Amérique Centrale. Ajoutez que les Kaduvéo sont des céramistes de premier ordre. Tout cela suggère, comme vous l'indiquiez, une très vaste extension d'une ancienne et grande civilisation.

Na chegada do casal Lévi-Strauss no Brasil em 1934 e após uma crise política no Brasil, as dificuldades econômicas e financeiras, as relações com a França são retomadas. A França ocupa um lugar de destaque: além da chegada de professores para a Universidade de São Paulo (USP), constata-se um aumento do número dos colégios franceses, bibliotecas são criadas e missões religiosas são recebidas no território nacional. De um ponto de vista militar e estratégico, o contrato militar é renovado, a França era encarregada da instrução dos quadros do exército brasileiro e empresas francesas se instalam (Air France). No Brasil do início do séc. XX, os franceses, mesmo se eram acobertados por acordos internacionais pelas missões que participavam, tinham que compor com a administração do país, a hierarquia acadêmica, obedecer à legislação ao qual as populações indígenas eram submetidas e tinha que obter as autorizações das autoridades locais para poder realizar suas pesquisas, num contexto político pouco favorável aos defensores das idéias de esquerda (Grupioni 1998)<sup>20</sup>. No entanto, podiam contar com o apoio de P. Rivet e contavam com o apoio de científicos engajados no desenvolvimento das amizades franco-brasileiras (Petitjean 2001, Trebitsch 1995).<sup>21</sup> Além disso, os atores da pesquisa americanista eram todos associados a uma ideologia política progressista pois se situava na onda do Front Populaire e, mesmo se isso não aparecia

---

<sup>19</sup> Carta de C. Lévi-Strauss a M. Mauss, 14 março de 1936 (BNF FONDS Lévi-Strauss, NAF 28150).

<sup>20</sup> Nos anos trinta, encontramos vários grupos de intelectuais em São Paulo: o Museu Paulista, a *Sociedade de Etnografia e Folclore*, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP e da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo.

<sup>21</sup> M. Trebitsch (1995) e Petitjean (2001 :4) mostram a importância de Henri Laugier que, na véspera da guerra, era diretor do CNRS e chefe do gabinete do Ministro da Instrução pública. *Résistant*, após a guerra, ocupa um cargo importante na ONU. Pesquisando no acervo de correspondência de Lévi-Strauss depositado na Biblioteca Nacional da França, pudemos verificar o grau de intimidade que Lévi-Strauss mantinha com Rivet. Também, durante a guerra e o exílio americano de Lévi-Strauss, este mantém uma correspondência regular com Laugier que servia como mediador entre os diferentes pesquisadores franceses exilados na América e ajudava-os, notadamente com o projeto da New School nos diferentes países da América latina (MHN(9 a)<03/03/1943).

diretamente nos seus escritos científicos, se revelavam nos programas de investigação e nas suas posturas académicas: eram contrários à corrente conservadora da disciplina que defendia a perspectiva evolucionista da Antropologia (física) e, dessa forma, aparecem como sendo os primeiros a questionar o projeto colonialista de uma França toda poderosa (Jamin 1989; Laurière 2007). Desde os anos 1920-1930, tinha um militantismo científico na figura de Paul Rivet, que se projetava numa perspectiva contemporânea, colocando em destaque as pesquisas empíricas. No entanto, as missões etnográficas organizadas na América latina, longe de serem realizadas por exploradores isolados como se pensa, recebiam o apoio institucional importante e seguem um mesmo objetivo: constituir os acervos do museu do Trocadéro, mais tarde renovado e chamado *Musée de l'Homme*. Para o Americanismo francês, o Brasil ainda é uma *Terra Incógnita* – é preciso investir na pesquisa empírica e o jovem professor de filosofia foi escolhido por seus mestres para isto. Irá receber o apoio incondicional dos grandes nomes da antropologia da época antes de embarcar para sua primeira viagem mas também a cada volta para França: Rivet, Mauss, Lévy-Bruhl et, mais tarde, Soustelle.<sup>22</sup>

O contexto das missões corresponde ainda com os primeiros momentos da formulação de uma política indigenista nacional: isto explica as relações (nem sempre harmoniosas) entre as instituições científicas brasileiras e estrangeiras: H. Baldus et C. Nimuenadju já estão trabalhando há tempo e mantém relações estreitas e remuneradas com os museus europeus. Se Baldus segue uma carreira académica, Nimuenadju, trabalha para coletar objetos das sociedades indígenas que visita para os museus de Alemanha (Göteborg, Leipzig, Dresde et Hambourg), de Suécia, com Erland Nordenskiöld e, mais tarde, com Lowie, escrevendo contribuições.<sup>23</sup> Parece que os novos pesquisadores foram vistos como concorrentes (Grupioni 1998). Eis o que escreve C. Nimuenadju de Lévi-Strauss; :

Eu vi dele, primeiramente, um artigo no *Estado [de São Paulo]*, “**Com os selvagens civilizados**”, que me interessou muito pelo seu posicionamento na questão indígena. Depois vem sua “**Contribution à l'étude de l'organisation sociale des Bororo**”, no JSA, onde ele, em poucas páginas, traz material muito valioso, e que chegou para mim como se houvesse sido encomendado. O que se pode esperar dele a mais no futuro? »  
Curt Nimuenadju, carta a Herbert Baldus (11/11/ 1936)

Inicialmente, C. Lévi-Strauss tinha previsto a colaboração de Nimuenadju para participar da missão de 1938, mas o etnógrafo alemão recusa, apesar do apoio de Lowie após

---

<sup>22</sup> Ver as correspondências de Lévi-Strauss com os professores do Musée de l'Homme (em particular, fonds Rivet, archives BMH, 2 AP 1D).

<sup>23</sup> Rivet e Métraux também mantinham relações estreitas com Nordenskiöld.

o artigo de 1936 sobre os Bororo.<sup>24</sup> Na verdade, é a partir desta data que Lévi-Strauss é apresentado ao Lowie – graças à intermediação do Métraux – e é consagrado pelos seus mestres do velho Troca após a realização da exposição sobre os Bororo. A missão de 1938 vai confortar essa idéia, em particular o do Lévi-Strauss que se insere no contexto mais geral da formação do campo da antropologia em nível internacional. Em uma carta a Mário de Andrade, ele aponta para a importância do seu trabalho para a antropologia:

Quant au voyage, il a été long et difficile. Mais je n’oublierai jamais ces huit mois; ils ont été remplis d’expériences passionnantes. Scientifiquement parlant, nous rapportons, je crois, un beau matériel et beaucoup de nouveau. De quoi modifier profondément les connaissances actuelles. Sincèrement, je pense que l’expédition fera date.<sup>25</sup>

A importância das “missões Lévi-Strauss”, com financiamento francês e brasileiro (via M. de Andrade), é visível já nos primeiros anos, em particular nas cartas trocadas com Mauss (Fournier 1994 : 606): numa, note-se o apoio incondicional das autoridades francesas para a viabilização da estada e a missão dada ao jovem etnógrafo que deve seguir os passos dos seus predecessores: Lévi-Strauss «prepara um grande trabalho teórico sobre os efeitos do contato das civilizações européias e americanas na América do Sul, desde a origem até nossos dias».26

No Brasil, podemos verificar a aplicação, em campo, das metodologias inspiradas pelo culturalismo, notadamente com as diretrizes do Marcel Mauss no seu curso de etnografia na Sorbonne: as aulas dadas por Dina Lévi-Strauss na SEF e a colheita sistemática de objetos, as cooperações entre os atores da pesquisa na França, no Brasil e nos Estados Unidos (Rivet, Lévi-Strauss, Métraux, Mário de Andrade, Nimuenadju, Lowie) (Peixoto 1998). Os resultados desta aventura são visíveis graças aos documentos de arquivo, do material utilizado pelas exposições e das publicações sobre as populações indígenas, em particular o *Journal de la Société des Américanistes* e do *HandBook of South America* nos Estados Unidos (Cohen-Solal 1999 : 24). O projeto de coletar informações sobre os grupos rurais e as sociedades indígenas, comum às diferentes escolas teóricas, termina por se dividir em especialidades distintas e é finalmente abandonado como programa de pesquisa.<sup>27</sup>

De um modo geral, os estudos americanistas realizados na França escaparam à crítica

---

<sup>24</sup> Ver as correspondências de Métraux a Lowie.

<sup>25</sup> Carta de Lévi-Strauss a M. de Andrade, sem data (1937?), mas o autor indica que ele está em São Paulo, na véspera de ir embora (acervo da bibliothèque National, fonds Lévi-Strauss, NAF 28150).

<sup>26</sup> Carta de M. Mauss à miss Rosenfels, 2 janv. 1935.

<sup>27</sup> A pesquisa foi facilitada com a digitalização da integralidade dos acervos do *Journal des Américanistes* (<http://jsa.revues.org/>) e do *Handbook* pelo Simpsonian Institute (em parte disponibilizado no site: <http://www.etnolinguistica.org/hsai:intro>)

por não ocuparem um lugar central no debate político-acadêmico da época. De fato, nas Américas, o projeto civilizador francês não conseguiu ultrapassar as portas das faculdades. Além disso, estes continuam sendo associados à figura de C. Lévi-Strauss; mestre respeitado por seus pares cujos trabalhos se tornaram rapidamente clássicos, que imprimiu uma profunda renovação na antropologia, inclusive no que diz respeito à pesquisa e ao ensino e que, soube conservar um “olhar distanciado” sobre as polêmicas do seu tempo. No entanto, além dos “mentores” da antropologia, outras figuras aparecem, desenvolvendo atividades de destaque tanto na organização administrativa quanto na pesquisa de campo, contando com um contexto político favorável até 1939. Assim, podemos citar o Jacques Soustelle, especialista do México antigo, engajado ao lado de Rivet tanto em política quanto na organização das atividades do Museu e que se revela muito dinâmico na resolução de problemas práticos, em particular o financiamento.<sup>28</sup>

As missões “Lévi-Strauss” integram este projeto de complementar o conhecimento e a coleção sobre America. O que se sabe menos é que as famosas missões de 1935 foi financiada pelo Ministério da educação nacional francês. Retomando uma proposta de Mauss, em 1936, no famoso artigo sobre a organização social dos Bororo que recebeu os elogios de Lowie, Lévi-Strauss tem como objetivo fazer o inventário das sociedades indígenas graças à coleta, pois a cultura material é o reflexo da vida social. A missão de 1938, mais profissional, segue a mesma idéia mas marca o início de uma nova fase do Americanismo voltado menos para a cultura material e cada vez mais para o estudo das estruturas sociais. A mudança de foco e de paradigma para as pesquisas americanistas na Amazônia foi gradativa, pois a preocupação de realizar o inventário das culturas é visível até os anos 1950. Porém, percebemos que há um esforço para consolidar uma rede de pesquisa internacional durante a Segunda Guerra Mundial, com destaque para a participação de franceses (Métraux e Lévi-Strauss) e de “brasileiros” (Nimuendaju, Baldus, Wagley) no *Handbook of South American Indians* (USA). Nos diferentes artigos, percebemos que há um padrão onde percebe-se menos preocupação com o passado (arqueologia), a lingüística e a antropologia física. Desta forma, a “antropologia dos quatros campos” vai se reduzir a um só (antropologia social).

Assim, tudo indica que, em parte por causa da guerra, os estilos nacionais não se cruzaram, apesar dos intercâmbios institucionais, das trocas de cartas e de artigos, das visitas

---

<sup>28</sup> Ver o artigo de Soustelle: « L'activité du département d'Amérique du Musée d'ethnographie du Trocadéro en 1934. » (Journal de la Société des Américanistes, Année 1934, Volume 26, Numéro 2 p. 331 – 332).

ou até das relações de amizade entre os pesquisadores.<sup>29</sup> Na Paris pós-segunda guerra, o lugar marginal reservado às pesquisas em ciências humanas no ensino superior, a presença de diferentes facções doutrinárias – reflexo das origens partidárias e da vida política - e a competição entre as diferentes instituições ou entre os ‘*professeurs*’ foram veladas, pois tratava-se de problemas internos às instituições; fato que pode explicar uma percepção da antropologia francesa contemporânea como sendo homogênea e consensual em torno de suas figuras mais importantes, entre outros, C. Lévi-Strauss (Fabre 1997). Durante a Segunda guerra mundial, o futuro mestre do estruturalismo estreita as suas relações com os americanistas Robert Lowie e Alfred Métraux que coordenam o programa da Fundação Rockefeller.<sup>30</sup>

O contexto geopolítico mundial pós-guerra, teve como principal conseqüência, do ponto de vista acadêmico, a perda da influência intelectual da França no mundo. Doravante, as antropologias de tradição inglesa e americana ocupam esse lugar: mais pragmáticas e voltadas para questões do mundo contemporâneo, mais adaptadas à realidade brasileira de modernização/urbanização, são melhores recebidas. De um modo geral, os estudos americanistas realizados na França escaparam à crítica por não ocuparem um lugar central no debate político-acadêmico da época. De fato, nas Américas, o projeto civilizador francês não conseguiu ultrapassar as portas das faculdades. Além disso, estes continuam sendo associados à figura de C. Lévi-Strauss; mestre respeitado por seus pares cujos trabalhos se tornaram rapidamente clássicos, que imprimiu uma profunda renovação na antropologia, inclusive no que diz respeito à pesquisa e ao ensino e que, soube conservar um “olhar distanciado” sobre as polêmicas do seu tempo.

---

<sup>29</sup> Por exemplo, existia uma forte amizade entre Mauss e Rivers, entre Rivet e Boas e, mais tarde, entre Rivet, Métraux e Lévi-Strauss, o que facilitou a elaboração de projetos comuns. Todos os críticos insistem na importância das relações amistosas na pequena equipe do “Troca” que trabalhou incansavelmente para a criação do *Musée de l’Homme* em 1936 (Bourdieu 1987; Karady 1968: XLI-XLIII; Laurière 2006: 712-730, 815).

<sup>30</sup> Tornará a ser professor na *New School for Social Research* de Nova York até 1945, participando das agendas de trabalho da Unesco mesmo seguindo carreira em Paris. No entanto, a “fase militante” do antropólogo parece terminar com o novo projeto teórico iniciado nos anos 1960, *As mitológicas*.

## ***Referências bibliográficas***

ALBERT, Bruce. 1992. A fumaça do metal: história e representações do contato entre os Yanomami, *Anuário Antropológico*, 89:151-189.

AUGÉ, Marc. (org.). s.d. [1974]. A construção do mundo. Religião, representações, ideologia, Lisboa, ed. 70.

Baldus, Herbert. 1945. Curt Nimuendajú. Boletim Bibliográfico, ano II, volume

BASTIDE, Roger. 1963. Alfred Métraux (1902-1963), *Archives des sciences sociales des religions*, 16, 1: 3 – 5.

BASTIDE, Roger. 1968. La mythologie ; Psychologie et ethnologie, In: POIRIER, Jean (Org.). *Ethnologie générale*, Paris, Gallimard, Encyclopédie de la Pléiade: 1037-1091; 1625-1654.

BASTIDE, Roger. 1997 [1935]. *Éléments de sociologie religieuse*, Paris, Stock.

BELMONT, Nicole. 1986. Le folklore refoulé ou les séductions de l'archaïsme, *Anthropologie : état des lieux*, L'Homme, n° spécial 97-98. Paris, Le Livre de poche: 287-298.

BELMONT, Nicole. 1986. Paroles païennes. Mythe et folklore. Des frères Grimm à Pierre Saint Yves, Paris, Imago.

BLANCKAERT, C. 1985. Naissance de l'ethnologie ? *Anthropologie et mission en Amérique*, XVI – XVIII siècles. Paris, Le Cerf.

BLANCKAERT, C. 1989. L'Anthropologie em France: Le mot et l'histoire (XVI-XIX), in *Bulletins et mémoires de la société d'anthropologie de Paris* : 13-44.

BONTE, Pierre et Izard, Michel, (ed.).1992. Dictionnaire de l'ethnologie et de l'anthropologie, Paris, PUF, 2e éd.

BONTE, Pierre; IZARD, Michel. 1991. Dictionnaire de l'ethnologie et de l'anthropologie, Paris, PUF.

BOSSERT, Federico ; VILLAR, Diego. 2007. La etnología chiriguano de Alfred Métraux, *Journal de la Société des Américanistes*, 93-1 : 127-166.

BOSSERT, Federico ; VILLAR, Diego. 2007. La etnología chiriguano de Alfred Métraux, *Journal de la Société des Américanistes*, 93-1 : 127-166.

BOURDIEU, Pierre. 1987. L'assassinat de Maurice Halbwachs, *La liberté de l'esprit*, Visages de la résistance, 16, Lyon, La Manufacture: 161-168.

BOYER, Pascal. 1982. Récit épique et tradition, *L'Homme* XXII (2): 5-34.

- BROMBERGER, Christian; Chevallier, Denis. 1999. *Carrières d'objets, innovations et relances*, Paris, éditions de la Maison des Sciences de l'Homme.
- CAILLÉ, Alain. 1998. Nem holismo nem individualismo. Marcel Mauss e o paradigma da dádiva, *Revista de Ciências Sociais*, 13, S. Paulo, oct.
- CANDIDO, Antonio. 1996. O jovem Florestan, *Estudos avançados*, 10, 26: 11-15.
- CASTRO, Eduardo Viveiros de; SEEGER, Anthony. 1986. Pontos de vista sobre os índios brasileiros: um ensaio bibliográfico, in : *O que se deve ler nas ciências sociais no Brasil*, São Paulo, Cortez, Anpocs: 36-68.
- CASTRO, Eduardo Viveiros de. 1999. Etnologia brasileira, In: MICELI, S. (org.), *O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)*, vol. 1, Antropologia, São Paulo, Anpocs, Sumaré: 109-223.
- CASTRO, Eduardo Viveiros de. 2002a. *A inconstância da alma selvagem*, São Paulo, Cosac & Naify.
- CHIVA, I., JEGGLE, U. 1987. *Ethnologies en Miroir : la France et les pays de langues allemande*, Paris, Éditions da la Maison des sciences de l'homme.
- CHIVA, Isac. 1987. Entre livre et musée. Émergence d'une ethnologie de la France, in Isac Chiva et Utz Jegle éd., *Ethnologies en miroir, la France et les pays de langue allemande*, Paris, éditions de la Maison des Sciences de l'Homme: 9-33.
- CLIFFORD, James. 1987 [1982]. Maurice Leenhardt, personne et mythe en Nouvelle Calédonie, Paris, Jean Michel Place.
- Cohen-Solal, Annie. 1999. Claude Lévi-Strauss aux États Unis : des portes donnant accès à d'autres mondes et à tous les temps, *Revue Critique*, Jan-fev, LV, 620-621: 13-25.
- COPANS, J. JAMIN, J. 1978. *Aux origines de l'anthropologie française* . Paris, Le Sycomore.
- COPANS, Jean. 1999. Oeuvre secrète ou oeuvre publique. Les écrits politiques de Marcel Mauss, *L'Homme*, 150: 217-220.
- COPANS, Jean. 1999. Oeuvre secrète ou oeuvre publique. Les écrits politiques de Marcel Mauss, *L'Homme*, 150: 217-220.
- CORRÊA, Mariza. 1988. Traficantes do excêntrico: os antropólogos no Brasil dos anos 30 a 60, *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 3, 6.  
de Léa Mello e Julieta Leite, Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- DESCOLA, Philippe; TAYLOR, Anne Christine. 1993. Introduction, in DESCOLA, Philippe; TAYLOR, Anne Christine (eds.), *La remontée de l'Amazone: Anthropologie et histoires des sociétés amazoniennes*, L'Homme: 126-128.

- DIAS, Nélia. 1991. Le Musée d'Ethnographie du Trocadéro (1878-1908). Anthropologie et muséologie en France, Paris, éditions du CNRS.
- DIAS, Nélia. 1991. *Le musée d'ethnographie du Trocadéro (1878-1908)*. Anthropologie et muséologie en France, Paris, ed. du CNRS.
- DUCHET, M. 1971. Anthropologie et histoire au siècle des Lumières. Paris, Maspero,
- DUCHET, M. 1985. Le Partage des Savoir. Discours historiques, discours ethnologique. Paris, La Découverte,
- DURKHEIM, Émile. 1990 [1912]. Les formes élémentaires de la vie religieuse. Le système totémique en Australie, Paris, PUF.
- FABRE, Daniel. 1997. L'ethnologie française à la croisée des chemins (1940-1945), in: Boursier : Resistances et résistants, Paris, l'Harmattan : 319-400.
- FABRE, Daniel. 1997. L'ethnologie française à la croisée des chemins (1940-1945), in: Boursier, Yves, *Resistances et résistants*, Paris, l'Harmattan: 319-400.
- FARIA, Luis Castro. 1984. A Antropologia no Brasil. Depoimentos sem compromisso de um militante em recesso, Anuário Antropológico 82, Fortaleza, Tempo Brasileiro: 228-250.
- FAULHABER, Priscila . 2008. Etnografia na Amazônia e tradução cultural. comparando Constant Tastevin e Curt Nimuendaju, *Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi. Antropologia*, 3: 15-29.
- FAULHABER, Priscila. 2008. Etnografia na Amazônia e Tradução Cultural: comparando Constant Tastevin e Curt Nimuendaju, Bol. Mus. Para. Emilio Goeldi Cienc. Hum,3, 1 : 15-29.
- FAUSTO, Carlos. 2002a. Banquete de gente: comensalidade e canibalismo na Amazônia, *Mana. Estudos de Antropologia Social*, 8(2):7-44.
- FAUSTO, Carlos. 2002b. Faire le Mythe: Histoire, Récit et Transformation en Amazonie, *Journal de la Société des Américanistes*, 88: 69-90.
- FOURNIER, Alain. 1994. Marcel Mauss, Paris, Fayard.
- FOURNIER, Marcel. 1994. *Marcel Mauss*, Paris, Fayard.
- GALINIER, Jacques. 1999. L'entendement méso-américain. Catégories et objets du monde, *L'Homme*, 151: 101-122.
- GOLDMAN, Marcio. 1994. *Razão e diferença. Afetividade, racionalidade e relativismo no pensamento de Lévy-Bruhl*, Rio de Janeiro, ed. da UFRJ, Grypho.
- GROGNET, Fabrice. 1998. D'un Trocadéro à l'autre, histoire de métamorphoses, Paris, Muséum national d'histoire naturelle, mémoire de DEA.
- GRUPIONI, Luiz Donisete. 1998. Coleções e expedições vigiadas, S. Paulo, Huicitec,



Anpocs.

HAMY, Ernest-Théodore. 1890. Les Origines du musée d'Ethnographie, Paris, Leroux (Histoire et documents).

HÉRITIER-AUGÉ, Françoise. 1991. Les Musées de l'Education nationale, mission d'étude et de réflexion, Paris, La Documentation française.

JAMIN, Jean. 1985. Les objets ethnographiques sont-ils des choses perdues ?, in Jacques Hainard et Roland Kaehr éd., Temps perdu, temps retrouvé. Voir les choses du passé au présent, Neuchâtel, musée d'Ethnographie : 51-74.

JAMIN, Jean. 1988. Tout était fétiche, tout devint totem, préface à la réédition du *Bulletin du musée d'ethnographie du Trocadéro*, Paris, Jean-michel Place, Les cahiers de Gradhiva, 9 : ix-xxii.

JAMIN, Jean. 1989a. Le savant et le politique : Paul Rivet (1876-1958), *Bulletins et mémoires de la société d'anthropologie de Paris*, 1, 3-4 : 277-294.

JAMIN, Jean. 1989b. Le musée d'Ethnographie en 1930 : l'ethnologie comme science et comme politique, in: *La Muséologie selon Georges-Henri Rivière*, Paris, Dunod : 110-121.

*Journal de la Société des Américanistes*, 11, 1 p. 1 - 20

KUPER, Adam. 2000. *L'anthropologie britannique au XXe. siècle*, Paris, Karthala.

L.-S. D. 1938. Mission Lévi-Strauss-Vellard (1938-1939), *Journal de la Société des Américanistes*, 30, 2: 384-386.

L'ESTOILE, Benoît de. 2003. O arquivo total da humanidade: utopia enciclopédica e divisão do trabalho na etnologia francesa, *Horizontes antropológicos*, 9, 20: 265-302.

L'ESTOILE (de) B., 1997, Au nom des "vrais Africains". L'hostilité à l'anthropologie des élites africaines scolarisées (1930-1950), *Terrain*: 28: 87-102.

LAURIÈRE, Christine. 2006. Paul Rivet (1876-1958). Le savant et le politique, Paris, CNRS.

LEENHARDT, Maurice. 1971. [1947] *Do Kamo, la personne et le mythe dans le monde mélanésien*, Paris, Gallimard.

LEROI-GOURHAN, Alain. 1936. L'ethnologie et la muséographie, *Revue de synthèse LVI*, février.

LÉVI-STRAUSS, Claude; ÉRIBON, Didier. 1990. *De perto e de longe*, tradução

LÉVI-STRAUSS, Claude. 1964a. *Le cru et le cuit. Mythologiques*, Paris, Plon.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 1964b. Hommage à Alfred Métraux, *L'Homme*, 4, 2 : 5-19.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 1973a [1955]. *Tristes tropiques*, Paris, Plon.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 1973b. *Anthropologie structurale deux*, Paris, Plon.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 1989. *O Pensamento selvagem*, São Paulo, Papirus.

- LÉVI-STRAUSS, Claude. 1991. *Antropologia Estrutural* [1974. *Anthropologie structurale*, Paris, Plon (réed.)].
- LÉVI-STRAUSS, D. (Dina). 1937. Société d'ethnographie et de folklore de São Paulo (Brésil), *Journal de la Société des Américanistes*, 20, 2: 429-431.
- LÉVI-STRAUSS, D. (L.-S. D.). 1938. Mission Lévi-Strauss-Vellard (1938-1939), *Journal de la Société des Américanistes*, 30, 2: 384 – 386.
- MAIO, Marcos Chor. 1997. A História do Projeto UNESCO: estudos raciais e ciências sociais no Brasil, Tese de Doutorado, Rio de Janeiro, IUPERJ.
- MARCEL, Jean-Christophe. 2004. Mauss au travail autour de 1925, *L'Année sociologique*, 54, 1: 37-61.
- MAUSS, Marcel. 1983 [1950]. *Sociologie et anthropologie*, Paris, PUF, 8e ed.
- MAUSS, Marcel. 1913. L'ethnographie en France et à l'étranger, *Revue de Paris*, 20 : 537-560.
- MAUSS, Marcel. 1967 (1947). *Manuel d'ethnographie*, Paris, Payot.
- MAUSS, Marcel. 1969 [1913] L'ethnographie en France et à l'étranger, in *Oeuvres III*, Paris, Minuit: 395-434.
- MAUSS, Marcel. 2002 [1947]. *Manuel d'ethnographie*, Paris, Petite Bibliothèque Payot.
- MAYBURY-LEWIS, David (org.). 1979. *Dialectical Societies: the Gê and Bororo of Central Brazil*, Cambridge Massachusetts/London, Harvard University Press.
- MENGET, Patrick (ed.). 1985. Guerre, sociétés et vision du monde dans les basses terres de l'Amérique du Sud, *Journal de la Société des Américanistes*, 71:131-141.
- MEYRAN, Régis. 1999. Écrits, pratiques et faits. L' ethnologie sous le régime de Vichy, *L'Homme*, 150: 203-212.
- MEYRAN, Régis. 1999. Écrits, pratiques et faits. L' ethnologie sous le régime de Vichy, *L'Homme*, 150: 203-212.
- MOLES, Abraham. 1972. *Théorie des objets*, Paris, éditions universitaires.
- MONBEIG, Pierre. 1939. Récentes recherches ethnographiques en Amérique latine, *Annales de Géographie*, 48, 274: 443-445
- MUCCHIELLI, Laurent; PLUET-DESPATIN, Jacqueline. 2001. Hallbwachs no Collège de France, *Revista Brasileira de História*, São Paulo 40, 21 ([www.scielo.br](http://www.scielo.br))
- MUSÉE D'ETHNOGRAPHIE DU TROCADÉRO. 1931. Instructions sommaires pour les collecteurs d'objets ethnographiques, Paris, MET.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de; RUBEN, Guilherme Raul (orgs.). 1995. *Estilos de antropologia*, Campinas, ed. da Unicamp.

- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. 1988. *Sobre o pensamento antropológico*, Rio, Tempo Brasileiro.
- OVERING KAPLAN, Joanna. 1975. *The Piaroa, a People of the Orinoco Basin: a Study in Kinship and Marriage*, Oxford, Claredon Press.
- PEIRANO, Mariza. 2006. *A teoria vivida e outros ensaios de antropologia*, Rio de Janeiro, Zahar.
- PEIRANO, Mariza. 1981. *The anthropology of anthropology: the brazilian case*, Harvard University.
- PEIRANO, Mariza. 1992. *Uma antropologia no plural. Três experiências contemporâneas*, Brasília, Editora da UNB.
- PEIXOTO, Fernanda A. 2000. *Dialogos brasileiros : uma análise da obra de Roger Bastide*, São Paulo, Ed. da Universidade de S. Paulo.
- PEIXOTO, Fernanda Áreas. 2000. *Diálogos brasileiros. Uma análise da obra de Roger Bastide*, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo.
- PERRIN, Michel; PANOFF, Michel. 1973. *Dictionnaire de l' ethnologie*, Paris, Payot.
- PetitJean, Patrick. 2001. Miguel, Paul, Henri et les autres. Les réseaux scientifiques franco-brésiliens dans les années 1930, In: Antonio Augusto P. Videira e Silvio R.A. Salinas (orgs.), *A Cultura da Física: Contribuições em homenagem a Amelia Imperio Hamburger*, : 59-94.
- POIRIER, Jean (org.). 1968. *Ethnologie générale*, Paris, Gallimard.
- PONTES, Heloisa. 2001. Entrevista com Antonio Candido, *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 16, 37: 5-30.
- RIVET, Paul. 1924. Les indiens Canoeiros, *Journal de la Société des Américanistes*, 16 : 207-229.
- RIVIALE, Pascal. 1995. L'Américanisme à la veille de la fondation de la Société des Américanistes, *Journal de la Société des Américanistes*, 81: 207-229.
- RIVIÈRE, Georges-Henri et alli. 1964. Hommage à Alfred Métraux, *L'Homme*, 4, 2: 5-19.
- ROSSELIN, Céline. 1993. De l'objet quotidien à l'objet-de-musée, *La Lettre de l'ICOM*, 30 : 22-27.
- RUBINO, Silvana. 1995. "Clube de Pesquisadores. A Sociedade de Etnografia e Folclore e a Sociedade de Sociologia". In: S. Miceli (org.), *História das Ciências Sociais no Brasil* (vol. 2). São Paulo: Editora Sumaré. pp. 479-522.
- RUPP-ELSENREICH, B. *Histoire de l'anthropologie : XVI-XIX siècles*. Paris, Éditions Klincksiek, 1984.
- SCHWARCZ, Lilian. 1993. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no*

Brasil – 1870-1930, São Paulo, Companhia das Letras

SCUBLA, Lucien. 1999. 'L'avenir d' une illusion' , *L'Homme*, 150: 227-234.

SEEGER, Antony; CASTRO, Eduardo V. de. 1977. Pontos de vista sobre os índios brasileiros: um ensaio bibliográfico, *Boletim Informativo e bibliográfico de Ciências Sociais*: 35-68.

SIGAUD, Lygia. 2007. Doxa e crença entre os antropólogos, *Novos estudos – CEBRAP*, 77: 129-152.

STOCKING Jr., George W. 2004. *Franz Boas. A formação da antropologia americana*, Rio de Janeiro, Contraponto, editora UFRJ.

STOCKING, G. W., Jr. 1982. Afterword : A View from the Center, *Ethnos*, 1-2 : 172-186.

TAYLOR, Anne Christine. 1984. "L' americanisme tropical: une frontiere fossile de l' ethnologie?" in: B. Rupp-Eisenreich (org.), *Histoires de l' anthropologie: XVI-XIX siècles*, Paris: Klincksieck: 213-35.

TAYLOR, Anne Christine. 1984. L' americanisme tropical: une frontiere fossile de l' ethnologie?, in: B. Rupp-Eisenreich (org.), *Histoires de l' anthropologie: XVI-XIX siècles*, Paris, Klincksieck

TAYLOR, Anne-Christine. 2000. Le sexe de la proie: représentations jivaro du lien de parenté, *L'Homme*, 154-155:309-334.

Trebitsch, Michel. 1995. Les réseaux scientifiques: Henri Laugier en politique avant la Seconde Guerre mondiale (1918-1939) », In : Jean-Louis Crémieux-Brilhac et Jean-François Picard (dir.), *Henri Laugier en son siècle*, Cahiers pour l'histoire de la recherche, Paris, CNRS-Éditions : 23-45.

VELAY-VALLANTIN, Catherine. 1997. Usages de la tradition et du folklore en France et au Québec (1937-1950): l'investiture du politique, In: *Une langue, deux cultures. Rites et symboles en France et au Québec*, Gérard Bouchard et Martine Segalen (orgs.), La Découverte, Presses de l'Université Laval, Paris: 273-305.

VELAY-VALLANTIN, Catherine. 1999. Le Congrès international de folklore de 1937, *Annales. Histoire, Sciences sociales*, 54e année, 2: 481-506.

VILAÇA, Aparecida. 1999. Devenir autre: chamanisme et contact interethnique em Amazonie brésilienne, *Journal de la Société des Americanistes*, 85: 239-260.

VILAÇA, Aparecida. 2000. O que significa tornar-se Outro? Xamanismo e contato interétnico na Amazônia, *Revista Brasileira de Ciências Sociais* 15(44):56-72.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo B. 1999. Etnologia brasileira, In: S. Miceli (ed.), *O que ler na ciência social brasileira (1970–1995)*, Vol. I: Antropologia, São Paulo, Ed. Sumaré,

ANPOCS.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo B. e FAUSTO, Carlos. 1993. La Puissance et l'Acte: la parenté dans les basses terres de l'Amérique du Sud, *L'Homme*, XXXIII, 2-4:141-170.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 2002. O Nativo Relativo, *Mana*, 8,1: 113-149.

WIKIN, Yves. 1986. George Stocking, Jr. et l'histoire de l'anthropologie, *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 1: 81-84.